

Crise obriga paciente a

de/Ciência

quarta-feira, 19/12/90 □ 1º caderno □ 9

comprar material cirúrgico

SÃO PAULO — Campeão mundial em número de cirurgias cardíacas e com trabalhos científicos publicados em revistas científicas internacionais, o Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo, vem servindo de cenário para cenas patéticas de indigência. Quando o paciente é segurado do Inamps, caso de 70% da clientela, cabe a sua família adquirir e entregar o equipamento indispensável às operações de coração: o oxigenador de membrana, ou a máquina que irá exercer as funções do coração e pulmão, durante a cirurgia. Há duas semanas, os 45 fornecedores deste tipo de equipamento decidiram romper com o Inamps, que lhes paga cerca de um quarto do preço de mercado.

"A vida é assim mesmo", resignava-se o carpinteiro João Vieira, um homem franzino de rosto castigado, cuja mulher dependia de um oxigenador para fazer uma operação destinada a desobstruir uma válvula cardíaca artificial. A sorte do casal Vieira, porém, foi diferente dos perto de 90% dos segurados do Inamps, cujas cirurgias estão sendo adiadas no hospital, por causa da crise com o Inamps. Sensibilizado, o patrão de Vieira ajudou-o a desembolsar os quase Cr\$ 120 mil necessários, e ontem ele descarregou as seis grandes caixas de papelão, contendo o oxigenador.

Como Vieira, o pedreiro Waldomiro Marchetti também pagou um oxigenador para sua mulher, cujas chances de sobrevivência sem uma cirurgia de urgência estavam reduzidas a 10%. "Se ele não comprasse eu estaria esperando até agora",

aliviava-se Rosa, operada há dez dias. Ela fala com a autoridade de quem convive com pacientes das enfermarias destinadas a segurados do Inamps, lotadas por pacientes que não tiveram igual sorte.

"O Inamps não tomou nenhuma medida, não mandou nenhuma orientação", queixa-se o cirurgião cardíaco José Pedro da Silva, chefe de uma das 11 equipes que conduzem a liderança mundial em cirurgias, ocupada pelo hospital — 27 ao dia, enquanto centros internacionais como a Cleveland Clinic e o Texas Heart Institute de Houston, ambos nos Estados Unidos, não ultrapassam a marca das 20 operações diárias.

Silva está tentando resolver o problema, que se estende também a operações de implante de marcapassos e válvulas, com três diferentes alternativas: pedir doação ao fabricante, solicitar que o próprio hospital cubra a despesa ou sugerir que os pacientes desembolsam pelo material. Excepcionalmente ontem, dois pacientes foram operados por conta do hospital: um bebê de 10 meses com uma doença que leva à morte até os 12 anos de vida e uma senhora com lesões muito críticas nas coronárias, sob risco iminente de enfarte.

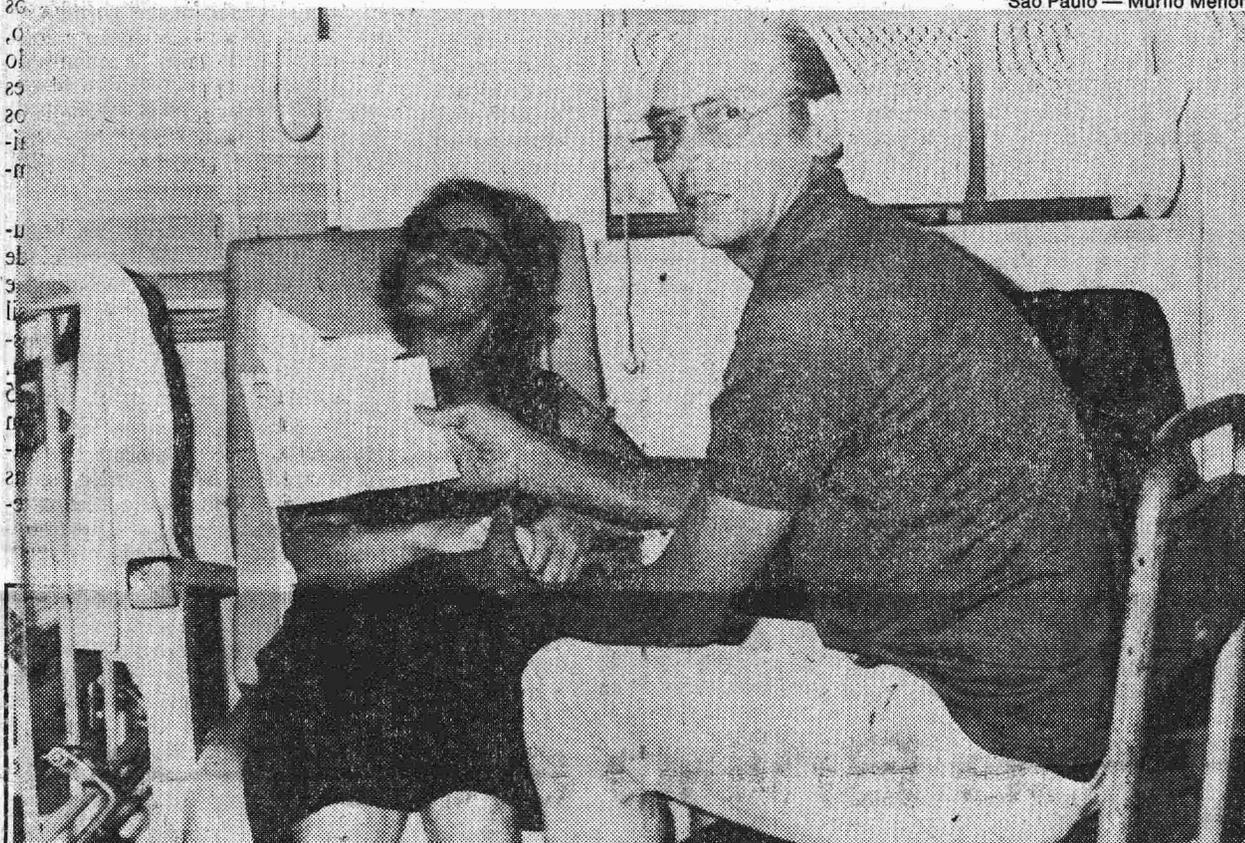
A interpretação de Silva é de que o governo não está tendo uma política clara e responsável em relação à saúde. "Se o governo pretendia romper com os fabricantes, que importasse o material", diz. Por isto, o cirurgião está decidido a responsabilizar as autoridades federais, através de queixa ao Conselho Regional de Medicina, caso um de seus pacientes venha a morrer por falta de assistência.

"Não dependo do Inamps", garante, exibindo um currículo onde constam transplantes cardíacos, técnicas de cirurgia de repercussão internacional, além de uma passagem de quatro anos pelo celebrada Cleveland Clinic, como médico do staff.

O Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina (EPM), vive dias de crise semelhantes. Ênio Buffolo, chefe do Serviço de Cirurgia Torácica e titular da EPM, assegura que o número de operações cardíacas realizadas na instituição foi reduzido à metade desde o início de dezembro — de quatro para duas diárias. O Instituto de Moléstias Cardiovasculares de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, está alertando que dispõe apenas de mais duas válvulas cardíacas artificiais para as próximas cirurgias. Das cerca de 90 operações que realiza por mês, só estão sendo feitas as cerca de 10% consideradas de urgência. Trabalhando freqüentemente em colaboração com o Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da USP (Incor), a instituição tem papel destacado por ter sido uma das pioneiras nas cardiomioplastias — operação que restitui o vigor de corações com problemas de lesão.

Segundo expectativa do cirurgião clínico Fúlvio Pileggi, diretor do Incor, coordenador de uma comissão de assessoria ao Inamps para procedimentos de alta complexidade — entre os quais estão as cirurgias cardíacas — uma solução deverá ser encontrada ainda esta semana. No Incor, os materiais destinados a segurados do Inamps estão sendo garantidos por uma pequena fábrica própria. "Até janeiro será possível aguentar", garante.

São Paulo — Murilo Menon



O pedreiro Waldomiro Marchetti pagou o oxigenador usado na cirurgia de sua mulher Rosa